O QUE É SER UM IDOSO QUE APRESENTA INCONTINÊNCIA URINÁRIA

Graziele Diniz Silva[1], Jessica Rabel[1], Mariana Ghidini Campiol Rosse[1], Juliana Cristina Frare[1], Keila Okuda Tavares[1].

[1] Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, Brasil

dinizgrasi2607@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender o que é ser um idoso que apresenta incontinência urinária (IU). Esta é uma pesquisa descritiva exploratória de caráter qualitativo. A população do estudo foi composta por idosos do gênero masculino que apresentam IU e que foram atendidos no Centro de Reabilitação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná entre os meses de março a maio de 2021. Os participantes responderam um questionário para caracterização dos sujeitos da pesquisa, o ICIQ-SF e foram submetidos a uma entrevista semiestruturada áudio gravada, baseada em uma pergunta orientadora. Os textos transcritos foram analisados com a Análise do Conteúdo de Bardin. Os cinco participantes do estudo tinham em média de 66,8 (±5,19) anos e frequentavam o CRF-UNIOESTE em média a 17,2 (±12,38) meses. Por meio da análise das falas transcritas emergiram três categorias temáticas: (1) A luta contra o tempo: as dificuldades enfrentadas por idosos incontinentes; (2) O impacto na vida dos idosos incontinentes: os sentimentos relacionados a essa vivência; (3) A perda de urina: algo natural associado ao envelhecer. Ser um idoso que apresenta IU é difícil e complicado, pois existe a preocupação constante ao frequentar lugares onde não existe um banheiro de fácil acesso. É também, desconfortável e constrangedor, pois existe a possibilidade de perder urina em ambientes públicos e de outras pessoas perceberem o vazamento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Idoso; Incontinência Urinária.

INTRODUÇÃO

A *International Continence Society* (ICS) e a *International Urogynecological Association* (IUGA) definem a incontinência urinária (IU) como qualquer vazamento involuntário de urina, podendo ser classificada em IU de esforço, de urgência e mista. (WEBER-RAJEK et al., 2018). A IU é uma disfunção que pode ocorrer em qualquer fase da vida, acometendo em menor frequência os homens, sendo que a IU de urgência e a mista, tem maior prevalência entre estes indivíduos (WEBER-RAJEK et al., 2018; ESHKOOR et al., 2017).

Por ser multifatorial, a IU pode estar associada a fatores de risco gerais e/ou específicos. De forma geral, durante o processo de envelhecimento, ocorrem mudanças na estrutura e função geniturinária que podem predispor a IU (PEARLMAN, KREDER, 2020). Considerando a população masculina, a presença de hipertrofia prostática benigna e cirurgias que alterem o tônus muscular do assoalho pélvico, como a prostatectomia radical, são os fatores de risco mais prevalentes (ESHKOOR et al., 2017; MARQUES et al., 2015).

A IU é uma condição muitas vezes negligenciada, pois é uma disfunção sem riscos para a vida (HESTER, KRETSCHMER, BADLANI, 2017). Apesar de ser uma disfunção frequente entre homens idosos, a maior parte das informações que se tem sobre a IU são de estudos envolvendo, mulheres e indivíduos mais jovens (PEARLMAN, KREDER, 2020). Na população masculina, a IU se apresenta não só como um problema de saúde, mas também como uma questão psicossocial, que causa alterações físicas e emocionais, podendo interferir na qualidade de vida dos indivíduos que convivem com ela (PEARLMAN, KREDER, 2020; ESPARZAA, TOMÁS, PINA-ROCHE, 2018).

Existem poucos estudos qualitativos que abordem o impacto da IU no cotidiano de indivíduos idosos do gênero masculino. Conhecer a vivência de idosos que apresentam a IU pode auxiliar as equipes de saúde envolvidas no tratamento destes indivíduos a desenvolverem estratégias mais individualizadas e humanizadas. Considerando este contexto, o objetivo do presente estudo foi compreender o que é ser um idoso que apresenta IU.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa descritiva exploratória de caráter qualitativo. A população do estudo foi composta por idosos do gênero masculino que apresentam IU (perda urinária) e que foram atendidos no Centro de Reabilitação Física (CRF) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) entre os meses de março a maio de 2021. Os critérios de inclusão foram: sexo masculino; idade igual ou superior a 60 anos; apresentar IU (perda urinária). Os critérios de exclusão foram: diagnóstico de doença neurológica que acarretasse prejuízos a função cognitiva, de memória e comunicação; diagnóstico de doenças neurológicas que podem dar origem a perda de urina por alteração do controle dos esfíncteres; indivíduos acamados e com deficiências físicas.

Os participantes responderam um questionário para caracterização dos sujeitos da pesquisa e o *International Consultation on Incontinence Questionnaire-Short Form* (ICIQ-SF), validado para o português (TAMANINI et al., 2004). Estes dados foram analisados por meio de estatística descritiva simples. Foi realizada uma entrevista semiestruturada áudio gravada, baseada na seguinte pergunta orientadora: “Para o senhor, como é ser um idoso que apresenta incontinência urinária?”. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e identificadas pela letra “E” de “entrevistado” seguidas por números, para serem analisadas. Os textos transcritos foram analisados com a Análise do Conteúdo (BARDIN, 2009).

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob parecer n° 3.985.980/2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de coleta de dados, estavam sendo atendidos 610 indivíduos no CRF-UNIOESTE. Destes pacientes, 179 (29,3%) eram idosos, sendo que 21 (11,73%) eram do gênero masculino. Foram excluídos quatro sujeitos: dois por apresentarem problemas cognitivos, um por não se comunicar no idioma português e um por comprometimento neurológico da função urinária. Dos 17 restantes, seis (35,2%) apresentavam IU de acordo com o ICIQ-SF. Destes seis, cinco foram submetidos a

entrevista semiestruturada, sendo que um idoso se recusou a responder à pergunta norteadora, por motivos pessoais. Os entrevistados tinham em média de 66,8 (±5,19) anos e frequentavam o CRF-UNIOESTE em média a 17,2 (±12,38) meses.

Um (20%) idoso apresentava IUE, três (60%) apresentavam IUU e um (20%) apresentava IU mista; sendo que em média, os participantes apresentavam IU há 4,8 (± 4,26) anos. Em relação a pontuação no ICIQ-SF, os participantes obtiveram uma média de 8,8 pontos no questionário, demonstrando que a IU apresenta baixo impacto na qualidade de vida dos indivíduos. Por meio da análise das falas transcritas emergiram três categorias temáticas, descritas a seguir.

(1) A luta contra o tempo: as dificuldades enfrentadas por idosos incontinentes

Para os entrevistados é difícil e complicado ser uma pessoa que apresenta a IU, pois existe a preocupação constante ao frequentar lugares onde não existe um banheiro que possa ser utilizado ou onde o acesso não acontece com facilidade. Os idosos relataram que no cotidiano é impossível lidar com a situação da urgência urinária, surgindo então, a questão de molhar a roupa com a urina, antes de conseguir chegar ao banheiro.

No estudo de Teunissen et al. (2006), 31,37% dos idosos participantes relataram se sentir restritos a frequentar locais onde não se tinha certeza sobre a disponibilidade de um banheiro. No estudo de Stenzelius et al. (2006), a maior limitação da IU na vida diária dos participantes foi ter que evitar lugares e situações devido aos sintomas urinários.

Em outros estudos semelhantes, foi relatado que dois terços dos homens idosos já se sentiram incapazes de exercer controle sobre sua perda urinária e que tal fato causava sofrimento. Muitas vezes, os idosos necessitavam interromper suas atividades de trabalho e lazer para realizar a troca de suas roupas após um vazamento, e até mesmo correr para o banheiro para evitar que perda urinária acontecesse (ESPARZA; TOMÁS; PINA-ROCHE, 2018; TEUNISSEN et al., 2006).

(2) O impacto na vida dos idosos incontinentes: os sentimentos relacionados a essa vivência

Os participantes do estudo relataram que ser um idoso incontinente é se sentir desconfortável com a possibilidade de perder urina. Este sentimento está principalmente relacionado com a possibilidade de a perda acontecer em ambientes e momentos considerados inapropriados. É se sentir, devido a estas experiências, constrangido, além de ter receio de que outras pessoas percebam o ocorrido. Teunissen et al. (2006) descrevem em seu estudo, que a incapacidade de controlar a perda urinária promoveu o medo de acidentes e de outras pessoas descobrirem a IU, principalmente no caso de urge-incontinência.

(3) A perda de urina: algo natural associado ao envelhecer

Apenas um dos participantes relatou que ser um idoso incontinente é uma condição "normal", que faz parte do processo natural do envelhecimento, sendo algo fisiológico, não percebendo a incontinência como um problema. O estudo de Esparza, Tomás e Pina-Roche (2018), os homens referiram acreditar que a IU é um problema pertencente ao universo feminino e que a presença desta condição entre eles, são decorrentes, especialmente por cirurgias na região pélvica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os participantes do estudo, ser um idoso que apresenta a incontinência urinaria é difícil e complicado, pois existe a preocupação constante ao frequentar lugares onde não existe um banheiro de fácil acesso. É também, desconfortável e constrangedor, pois existe a possibilidade de perder urina em ambientes públicos e de outras pessoas perceberem o vazamento.

Os resultados obtidos foram limitados pela pequena quantidade de indivíduos participantes, tendo em vista que a coleta de dados ocorreu durante o período de pandemia de COVID-19. Por este motivo, o número de indivíduos idosos que estavam frequentando o CRF-UNIOESTE estava muito reduzido.

Eixo Temático: Condições de saúde e funcionalidade da pessoa idosa

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 5ª ed. Lisboa-Portugal: Editora 70, 2009.

BARENTSEN, J. A.; VISSER, E.; HOFSTETTER, H.; MARIS, A. M.; DEKKER, J. H.; BOCK, G. H. Severity, not type, is the main predictor of decreased quality of life in elderly women with urinary incontinence: A population-based study as part of a randomized controlled trial in primary care. **Health and Quality of Life Outcomes,** v. 10, n. 1, p. 1, 2012.

ESHKOOR, S. A.; HAMID, T.A.; SHAHAR, S.; MUN, C.Y. Factors related to urinary incontinence among the Malaysian elderly. **Journal of Nutrition, Health and Aging,** v. 21, n. 2, p. 220-26, 2017.

ESPARZA, A. O.; TOMÁS, M. Á. C.; PINA-ROCHE, F. Experiences of women and men living with urinary incontinence: A phenomenological study. **Applied Nursing Research,** v. 40, s. n., p. 68-75, 2018.

HESTER, Austin G.; KRETSCHMER, Alexander; BADLANI, Gopal. Male Incontinence: The Etiology or Basis of Treatment. **European Urology Focus,** v. 3, n. 4, p. 377-384, 2017.

MARQUES, Larissa Pruner; SCHNEIDER, Ione Jayce Ceola; GIEHL, Maruí Weber Corseuil; ANTES, Danielle Ledur; D'ORSI, Eleonora. Fatores demográficos, condições

de saúde e hábitos de vida associados à incontinência urinária em idosos de Florianópolis, Santa Catarina. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** v. 18, n. 3, p. 595-606, 2015.

PEARLMAN, Amy; KREDER, Karl. Evaluation and treatment of urinary incontinence in the aging male. **Postgraduate Medicine,** v. 132, n. 4, p. 9-17, 2020.

STENZELIUS, K.; WESTERGREN, A.; MATTIASSON, A.; HALLBERG, I. R. Older women and men with urinary symptoms. **Archives of Gerontology and Geriatrics,** v. 43, n. 2, p. 249–265, 2006.

TEUNISSEN, D.; BOSCH, W. V. D.; WEEL, C. V.; LAGRO-JANSSEN, T. "It can always happen": The impact of urinary incontinence on elderly men and women. **Scandinavian Journal of Primary Health Care**, v. 24, n. 3, p. 166-173, 2006.

WEBER-RAJEK, Magdalena; RADZIMIŃSKA, Agnieszka; STRĄCZYŃSKA, Agnieszka; PODHORECKA, Marta; KOZAKIEWICZ, Mariusz; PERKOWSKI, Radosław, et al. A randomized-controlled trial pilot study examining the effect of extracorporeal magnetic innervation in the treatment of stress urinary incontinence in women. **Clinical Interventions in Aging,** v. 13, p. 2473-80, 2018.